

Uma Análise de Olhar Barthesiano para a Fotografia Presente no Filme: Viva: A Vida é uma Festa¹

Bibiana Lauretti PEREIRA²

Leda Tenório da MOTTA³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A fotografia é um assunto amplo e divergente, tanto no dia a dia como no ambiente acadêmico e nos meios de comunicação. Neste artigo, o texto propõe conversar sobre a fotografia presente no longa-metragem animado *Viva: A Vida é uma Festa* através de um olhar barthesiano, tendo como referência o livro *A Câmara Clara* do escritor sociólogo francês Roland Barthes. Tanto o longa animado quanto o autor Barthes irão abordar tópicos em comum, como a presença da morte e suas correlações com a fotografia, o texto irá relacionar tais fatores e criar uma concordância sobre os objetos de estudo retratados.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; comunicação; animação; Roland Barthes.

INTRODUÇÃO

A *Câmara Clara*, (*La Chambre claire*, no título original em francês) é um livro escrito pelo semiólogo e pensador francês Roland Barthes. Publicado originalmente em 1980, às vésperas da morte do autor, aborda principalmente a natureza da fotografia, para além da técnica, e sua relação com a memória, a linguagem e a própria existência humana.

O título do livro faz um jogo de palavras referente à câmera lúcida, um dispositivo variante da câmera escura, projetada para facilitar a realização de esboços de artistas, foi inventada pelo inglês William Hyde Wollaston em 1806. Barthes resgata esse recurso historicamente esquecido a fim de demonstrar uma essência encontrada na fotografia unicamente nos elementos externos, evidentes e não íntimos. Uma analogia que pode ser feita com o jogo de palavras sobre o lúcido, claro e o escuro, seria a referência ao Mito da caverna de Platão. Nesse livro Platão escreve sobre prisioneiros

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Mestranda do programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, email: bibi.lautt@hotmail.com.

³ Professora Doutora do programa de Pós-Graduação de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e orientadora do trabalho, email: ltmotta@pucsp.br.

que, desde o nascimento, sempre viveram presos dentro de uma caverna e nunca viram o mundo com os próprios olhos. Esses prisioneiros vivem olhando para uma parede e atrás deles há uma chama, mostrando imagens de sombras, seu único contato com o que há no mundo exterior. Enquanto aqueles que permanecem dentro do escuro, sendo a caverna, nunca poderão ter acesso aos verdadeiros conhecimentos que existem no claro, fora da caverna. Uma semelhante briga pelas imagens, na qual a pauta da verdade e do conhecimento é questionada e o preconceito é presente.

Como sua última obra publicada em vida, o autor inicia uma construção sobre a teoria da fotografia, mas ao decorrer da leitura percebemos uma inconstância em finalizar o pensamento, característica de seu estilo, que não é nunca afirmativo. Uma máquina capaz de capturar o tempo e a morte, mas também evoca a presença e a ausência, discorrendo mais propriamente sobre experiências ao observar algumas imagens, assemelhando-se a um diário pessoal.

Uma leitura audiovisual atual que pode ser mencionada sobre toda essa mesma complexidade que Barthes trás da fotografia, estaria presente no filme *Viva: A Vida é uma Festa*. Um longa-metragem de animação da Pixar, uma obra dirigida por Lee Unkrich e Adrian Molina, veio ao público em 2017 e tem a fotografia como um papel crucial na narrativa visual da história. O filme foi indicado em duas categorias no Globo de Ouro, ganhando o prêmio de Melhor Filme de Animação e recebendo uma indicação pela Melhor Canção Original, pela música *Remember Me*. Além disso, no Oscar de 2018, o filme recebeu duas indicações, novamente para Melhor Filme de Animação e Melhor Canção Original, e ganhou em ambas as categorias.

A obra conta a história de Miguel Rivera, um menino mexicano de 12 anos apaixonado pela música, entretanto, existe a proibição por parte da família a qualquer tipo de melodia, uma geração marcada por traumas familiares relacionados a música. O enredo se passa durante a comemoração do Dia dos Mortos, um evento para relembrar e homenagear entes queridos falecidos. A trama principal começa quando Miguel entra no mundo dos mortos por acidente e recebe a missão de levar uma fotografia do personagem morto, representado por uma caveira, Hector para o mundo dos vivos, caso contrário, Hector será esquecido para os vivos e deixará de existir no mundo dos mortos. O menino aceita o pedido em troca de ajuda para encontrar um ente falecido

que poderia solucionar seus problemas em relação ao desprezo pela música de sua família.

Ambos os personagens passam por uma aventura no mundo dos mortos e descobrem reviravoltas em relação à família de Miguel e ao parentesco de Hector com o menino. No final do filme, Miguel retorna para o mundo dos vivos sem nenhum sucesso em trazer do mortos uma fotografia de Hector, mas esse consegue de forma inesperada, no último minuto, um pedaço de fotografia do rosto do homem, que estava guardado pela bisavó do menino, chamada no filme por Mama Coco, e na realidade filha já idosa de Hector. Ela mantinha como uma lembrança esquecida, uma pequena e última imagem de seu pai, salvando a existência do personagem no mundo dos mortos e refrescando a memória de seus parentes de quem um dia já foi Hector. Esse pequeno pedaço é posto ao lado das demais fotografias dos entes falecidos e faz com que o personagem morto possa participar do evento dos Dias dos Mortos, ver seus familiares por uma presença fantasmagórica e simbolizar a lembrança que agora é viva e presente.

Durante a festividade do Dia dos Mortos, as famílias mexicanas montam altares dedicados a entes queridos, decorando-os com flores, velas, alimentos e principalmente suas fotografias. No filme, as fotos são uma forma tangível de manter viva a memória dos indivíduos, permitindo que os círculos familiares se conectem com seus antepassados e honrem suas existências durante a celebração. Uma ideia que não foge dos princípios de Barthes e mostra-se coerente a virtude do manter-se vivo eternamente, a fuga da morte.

Miguel enquanto está no mundo dos vivos permanece em um ambiente claro, mas ainda não possui total conhecimento daquilo que o cerca. Após ingressar acidentalmente para o paraíso dos mortos, o menino passa para dentro da caixa preta. O mundo dos mortos pode ser visto pela leitura barthesiana como a passagem para esse ambiente escuro relacionado a câmera fotográfica e o seu potencial de revelar novas imagens de uma realidade, uma verdade, antes oculta, nesse outro universo que foi descoberto.

UM ESTUDO APROFUNDADO SOBRE A CÂMARA CLARA

A leitura da Câmara Clara se introduz com pontos técnicos relacionados a captura de imagem através da câmera fotográfica. O autor se mostra claro em dizer que

seu ponto de vista sobre a fotografia como o de um observador, o *espectador*, e não como o de um fotógrafo, aquele que opera a câmera, o *operator*, e ressalta um último elemento, o objeto capturado pela fotografia, o *spectrum*, sendo um espetáculo referente ao passado que se manifesta no presente, o “retorno do morto” e em uma segunda parte do livro lida com a perda da própria mãe e em como suas fotografias tornam-lhe viva em pensamento, de certa forma, como em:

O *Spectator* somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através da sua raiz, uma relação com o “espetáculo” e a ele acrescenta essa coisa um pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno no morto (BARTHES, 1984, p. 20),

Também exemplificado pelo autor como “isso foi” em retomar a passagem da morte na fotografia em:

É justamente nessa interrupção da interpretação que se encontra a certeza da Foto: esgoto-me em constatar que *isso foi*; para qualquer um que tenha uma foto na mão, está aí uma “crença fundamental”, uma “Urdoxa”, que não pode ser desfeita por nada, a não ser que me provem que essa imagem *não é* uma fotografia (BARTHES, 1984, p. 158).

Existe um apontamento que pode ser feito dessa tão importante passagem do livro em questão. A tradução do termo “isso foi” poderia ter sido utilizada de uma forma mais correta, segundo a norma portuguesa, seguindo uma melhor passagem seria “isso aconteceu”.

Retratando de uma forma técnica, o único objetivo da fotografia, de acordo com Barthes, seria o de apontar e indicar o objeto propriamente como é, e nada mais. Exemplificando o mecanismo movido puramente pelos dedos do fotógrafo para que a máquina retrate o momento desejado, um órgão responsável pelo disparo da objetiva sem ter a possibilidade de sair “dessa pura linguagem dêitica” (BARTHES, 1984, p.13-14)⁴.

A FOTOGRAFIA E A MORTE

Em *Viva: A Vida é uma Festa*, os mortos só existem nesse mundo devido a presença de fotografias mantidas na realidade. As lembranças simbolizadas pela foto torna possível a existência daqueles que não respiram mais, desafiando o poder final da

⁴ Disponível no livro “A Câmara Clara” de Roland Barthes.

morte. A animação representa bem essa mensagem pelo fato dos personagens caveiras, que não possuem famílias ou pessoas com imagens físicas de quando eram vivos, terem seu acesso negado para o mundo dos vivos na passagem comemorativa do Dia dos Mortos. Apenas aqueles que são lembrados e tem seu retrato posto na festividade podem comparecer em sua forma espectral no evento. Outro requisito muito importante está ligado ao fato do desaparecimento total desses cidadãos caveiras caso suas fotografias sejam esquecidas e não utilizadas durante alguns anos. Nesse momento pode-se entender a morte física e psíquica desses personagens, como se sua existência fosse apagada da história. Esse mecanismo visual traz a ideia de Barthes sobre o poder da fotografia em desafiar o poder final morte através das lembranças e registros da câmera.

Barthes nos retoma seu ponto de vista em relação a morte quando menciona sua falecida mãe, se comportando como observador emocional, devido sua carga histórica e sentimentos fragilizados, prefere não mostrar a foto, mas se justifica ao sinalizar a descrição afetiva que seu olhar guia sobre sua mãe, exatamente por entender que aquele olhar seria somente seu, juntamente devido a carga pungente e cultural que carrega da pessoa/objeto retratado, outros não poderiam sentir o mesmo peso daquela imagem. Demonstrado ao mencionar sua mãe em:

Eu a teria reconhecido entre milhares de outras mulheres, e no entanto não a “reencontrava”. Eu a reconhecia diferencialmente, não essencialmente. A fotografia me obrigava assim a um trabalho doloroso; voltando para a essência de sua identidade, eu me debatia em meio a imagens parcialmente verdadeiras e, portanto, totalmente falsas (BARTHES, 1984, p. 99).

Assim retrata fotografias, mas prefere não falar da fotografia com apelo emocional, focando em campos sem a presença de experiências pessoais, apenas de imagens comuns ao ver de um típico observador.

Barthes se contrapõe em afirmar a inautenticidade da fotografia quando ligamos as lembranças de pessoas já falecidas ao observar a imagem, o que acaba tendo papel suplementar em enriquecer a vida e trazer significado para a mesma e suas recordações. Portanto, pode-se entender do texto um treinamento do olhar em relação às imagens. Para enxergar não somente o primeiro plano, e sim se aprofundar para uma nova visão afetiva, no qual há significados pessoais e culturais. Cada indivíduo carrega uma mensagem acerca da mesma foto observada para qual com o objeto. Igualmente se pode observar o peso da foto para a cultura mexicana retratada no longa-metragem da Pixar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme retrata uma história infantil sobre tradição, crenças mexicanas, união familiar e musicalidade, uma obra animada que transfere de forma excepcional a grandeza do que é festejar O Dia dos Mortos, um evento da cultura do México que olha para a morte como parte da vida e não como um fim, sendo a existência eterna enquanto aqueles que um dia te conheceram se lembrarem de você. A fotografia é símbolo desse poder e desafia o desaparecimento eterno que o ser humano tanto teme, um exemplo claro barthesiano a respeito da foto que conversa diretamente com sua obra "A Câmara Clara".

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CABRAL, M. E. B; CORREIA, M. S. G. L.; FALCÃO, C. C. A Ressignificação da Morte no Filme “Viva – A Vida É Uma Festa” a Partir da Carnavalização de Mikhail Bakhtin. In: VIGÉSIMO PRIMEIRO CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2019, São Luís. **Anais [...]**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0403-1.pdf>. Acesso em: 11 de jan. 2024.
- ENTLER, R. Para reler A Câmara Clara. **Facom**, São Paulo, v. 2, n. 16, p. 4-9, 2006. Disponível em: https://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/ronaldo.pdf. Acesso em: 10 de jun. 2023.
- FONTANARI, R. Imagens que advem: Por uma antropologia da imagem fotográfica em A câmara clara. **Visualidades**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 91-111, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/34480/18178/144927>. Acesso em: 11 de jan. 2024
- MOTTA, L. T.; FONTANARI, R. Roland Barthes em A câmara clara, o semiólogo infiel. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 161-168, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48056/51818>. Acesso em: 10 de jun. 2023.
- VIVA! A Vida É Uma Festa. Direção de Lee Unkrich. Estados Unidos da América: Disney Pixar, 2017. 1 DVD (105 min.), son., color.